

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 09 – O essencial primeiro

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



Adoração

Ser discípulo de Jesus é ser seu aprendiz, viver com Ele e a partir da vida com Ele aprender a viver como Ele. Desejo viver como Jesus, desejo reproduzir a vida do Mestre em minha de tal maneira que eu possa dizer como Paulo: “Já não sou eu quem vive, Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Mas afinal, qual o primeiro passo? Por onde começar?

Muitos autores consideram uma abordagem de dentro para fora: começando mais do aspecto comportamental do discipulado e indo até questões mais interiores, como as motivações, a compaixão, a misericórdia, os traços internos e as vezes imperceptíveis do discípulo. O risco é que muitas vezes acabamos adotando uma abordagem muito centrada no fazer, no comportamento, tanto que pode chegar a ser mecanicista: faça as coisas que os cristãos historicamente fazem, cumpra o check list de tarefas religiosas e tudo estará bem. Antoine de Saint-Exupéry nos brindou com uma pérola de sabedoria ao colocar na boca da Raposa, amiga do Pequeno Príncipe, as seguintes palavras: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.¹

Como já afirmamos, o Senhor Jesus resumiu a lei – a vontade de Deus para o homem – no amar ao Eterno sobre todas as coisas (Mc 12.29,30). Jesus estava citando o famoso Shemá: “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças” (Dt 6:4,5). O que significa esse mandamento? Significa amar o nosso Criador em primeiro lugar, dedicar a Ele o centro de nossas vidas, entregar a Ele tudo que somos e amá-lo mais do que tudo e todos.

Quando ouvimos isso, pensamos logo: mas isso é possível? É possível viver em um amor tão grande pelo Eterno? Essa pergunta em si mesma apenas mostra que ignoramos o fato de que é para isso, justamente para isso que fomos criados: para experimentar um relacionamento íntimo, profundo, verdadeiro, amoroso e cheio de alegria e prazer com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. Quando as Escrituras nos conclamam a amar o Senhor com tudo que somos, não está dizendo apenas que devemos fazê-lo, mas está nos dizendo que por causa da graça, por causa do Eterno ter revelado seu amor por nós de maneira tão extravagante e poderosa, nós podemos! Nós podemos viver uma vida de amor ao Pai por meio do Filho no poder do Espírito Santo.

O que é a idolatria? idolatria é nada mais nada menos que a falha em viver o maior mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas, com todas as nossas forças e entendimento. A grande questão é que no discipulado, o movimento mais central e crucial é reconectar e aprofundar nossa relação com o nosso Criador, por que dessa relação dependem todas as demais relações. Lembrando das duas tábuas com os 10 comandos, é quando vivemos a primeira tábua – um relacionamento profundo com Deus – é que somos capacitados para viver a segunda tábua – relações de justiça e amor com o nosso próximo. Calvin afirmou essa mesma divisão dos comandos das duas tábuas, destacando que o fundamento de toda a vida cristã é a relação com o Eterno: a adoração precede a comunhão e a missão.²

Desentronizando os ídolos

Tim Keller, em uma conferência em 2011 fez uma declaração pregando um sermão baseado em Êxodo: o pecado tem camadas.³ Deus tirou o povo do Egito, mas levou muitas décadas para que Egito saísse do povo. A maneira como abandonamos pecados externos e óbvios no início de nossa caminhada com Deus: os vícios que nos dominam, comportamentos destrutivos, práticas imorais, hábitos pecaminosos. Com o passar do tempo, por fora estamos levando uma vida perfeitamente cristã, mas o pecado tem camadas. Nas camadas mais internas do ser humano, o pecado resiste em seu último bunker, sua última trincheira: o interior do ser humano, o coração do homem. Aquilo que os autores bíblicos do Antigo Testamento chamavam de coração ou rins e vísceras: o nosso eu interior, nossa vida interior que não é acessível aos olhos.

¹ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*.

² CALVIN, JOHN ; McNEILL, J. T. (org.) ; BATTLES, F. L. (trad.): *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BP5OyzaYGM>. Acessado em 11 de abril de 2016.

Do lado de fora, uma vida perfeitamente cristã, mas do lado de dentro o trono do coração foi entregue a alguma realidade: a idolatria do amor romântico, a idolatria da família, dos filhos, a idolatria do dinheiro e da carreira, a idolatria do sucesso e do status, a idolatria do prazer, a idolatria de si mesmo.

O pecado da idolatria é um pecado que está nas camadas mais internas do coração: não podemos ver, só podemos identificar alguns sintomas externos, pois sempre que um ídolo assume o controle de nossa alma ele exige amor, confiança e obediência. E quando identificamos que nosso coração não está em Deus, mas em algum ídolo? Como podemos de alguma maneira sermos libertos dos ídolos que nos escravizam?

Acredito que o texto de Gênesis 22 lança muita luz sobre essa pergunta. A narrativa do chamado de Abraão em Gênesis 22 é uma história cheia de pontos controversos e profundamente conflitantes. Estaria Deus pedindo um sacrifício humano, algo que o próprio Deus reprova? Estaria Deus provando a fé de Abraão para ver até onde Abraão iria? Estaria Deus aplicando um último teste em Abraão para só então confirmar sua aliança com Ele?

No seu famosíssimo livro “Temor e Tremor”, Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, explora de maneira magistral toda essa problemática envolvendo essa narrativa, nos mostrando como ela é complexa e como necessita de uma leitura adequada.⁴ A pergunta que resta é: para que? Qual a finalidade de Deus ao pedir Isaque? Creio que se olharmos pela perspectiva do problema da idolatria conseguiremos ver a resposta. Deus estava pedindo a Abraão que renunciasse seu filho, na verdade como um ato de declaração de um amor maior pelo próprio Deus: o Eterno estava pedindo o trono do coração de Abraão!

Tim Keller argumenta que “se Deus não tivesse intervindo, Abraão certamente teria chegado a amar seu filho mais do que todas as coisas, se é que já não o amava dessa forma. Isso seria idolatria, e toda idolatria é destrutiva. Dessa perspectiva vemos que o tratamento extremamente duro dado por Deus a Abraão era na verdade um ato de misericórdia. Isaque foi um presente maravilhoso a Abraão, mas não era seguro tê-lo e abraçá-lo até que Abraão estivesse disposto a coloca Deus em primeiro lugar”.⁵

Deus sabe que as melhores coisas que ele nos dá podem causar grandes estragos em nossas vidas. Por isso a renúncia não significa perder as realidades que renunciamos. Deus não deseja nos privar das realidades, o que Deus deseja é que elas estejam no lugar certo! Por mais paradoxal que possa aparecer, o único jeito de mantermos as bênçãos que Deus nos dá é renunciá-las, estar disposto a abrir mão delas para Deus. Só se amarmos mais a Deus do que essas realidades, poderemos de fato mantê-las sem dano a nós mesmos e aos outros.

Ainda em “Temor e Tremor”, Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, escreve um trecho primoroso, como se estivesse conversando com o próprio Abraão, escreve: “Nunca esquecerá que te foram necessários cem anos para receber, contra todas as expectativas, o filho da velhice e que tiveste de puxar da tua faca para conservar Isaque”.⁶ Em outro trecho dispara: “Só quem empunha a faca recebe Isaque”.⁷

Tim Keller explica como pegamos coisas boas e as tornamos em ídolos: “O pecado não é somente fazer coisas ruins, mas é mais fundamentalmente tornar coisas boas em realidades últimas. Pecado é construir sua vida e sentido sobre qualquer coisa, mesmo que seja uma boa coisa, ao invés de construí-la sobre Deus. Qualquer coisa sobre a qual construímos nossa vida nos dirigirá e nos escravizará. Pecado é primeiramente idolatria”.⁸ A resposta de Deus para este quadro está no coração da história de Gênesis 22: a renúncia.

A renúncia é o ato de abrir mão de realidades que não são necessariamente erradas, são boas e legítimas. A renúncia ocorre quando abrimos mão de algo que amamos muito, com o intuito de afirmar que amamos a Deus mais ainda! Essa renúncia pode ser externa ou interna. A renúncia externa é abrir mão de algo como um ato de realinhar o coração e a mente. Pode envolver atos específicos e depende do tipo de idolatria que estamos falando. A única maneira de não ser corrompido e dominado pelo dinheiro é manter uma relação com ele de generosidade e assim nunca ceder o trono do coração a ele. A única maneira de se alcançar sucesso e não ser tomado pelo orgulho é abrir mão do sucesso para se tornar um servo humilde que lava os pés dos outros por amor a Deus.

A renúncia interna implicar trabalhar em oração para que aquela realidade que está no trono do coração volte cada vez mais para seu lugar adequado. Ocorre quando o caso é por exemplo a respeito do cônjuge ou da carreira. Não devemos simplesmente romper com essas realidades, mas refazer nossas prioridades e escolhas até que eles venham a estar em um lugar certo. A única maneira de ser um bom cônjuge e construir uma relação sólida na qual Deus é glorificado é colocando o seu cônjuge em segundo lugar e Deus em primeiro lugar. “Só quem empunha a faca recebe Isaque”. Acima de tudo, o movimento não se trata apenas de amar menos algo, mas de amar a Deus sobre todas as coisas, com todas as forças, como todo o nosso entendimento.

⁴ KIERKEGAARD, Soren. *Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero humano* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.113

⁵ KELLER, Timothy. *Deuses falsos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.32

⁶ KIERKEGAARD, Soren. *Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero humano* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.122

⁷ KIERKEGAARD, Soren. *Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero humano* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.123

⁸ KELLER, Timothy. *Talking about idolatry in a postmodern age*, p.3.